

O que faz valer a pena viver¹

Bernard Stiegler

Capítulo 5

Economizar significa cuidar

Os três limites do capitalismo

42. Aparelhos psíquicos e aparelhos sociais na “economia da atenção”

É preciso pensar o futuro planetário a partir da questão do psicopoder que caracteriza as sociedades de controle, e cujos efeitos se tornam maciços e destruidores. No presente, o psicopoder mundializado é uma organização sistemática de captação da atenção, possibilitada pelas psicotecnologias que se desenvolveram com o rádio (1920), com a televisão (1950) e com

¹ Texto extraído de *CE qui fait que le vie vaut le coup d’être vécue*, Ed. Flammarion, 2010

as tecnologias numéricas (1990), disseminando-se por toda a superfície do planeta através de diversas formas de redes, e levando a uma canalização industrial e constante da atenção que, há pouco tempo, engendra um fenômeno maciço de destruição desta atenção, o qual a nosologia americana descreve principalmente como attention deficit disorder². Esta destruição da atenção é um caso particular, e especialmente grave, da destruição da energia libidinal por meio da qual a economia libidinal capitalista se autodestrói.

A atenção é a realidade da individuação entendida no sentido de Simondon: enquanto ela é sempre psíquica e, ao mesmo tempo, coletiva. A atenção, que é a faculdade psíquica de se concentrar sobre um objeto, isto é, de se dar um objeto, é também a faculdade social de cuidar deste objeto – como de um outro, ou como de um representante de um outro, como do objeto do outro: a atenção é também o nome da civilidade, na medida em que ela se funda sobre a *philia*, isto é, sobre a energia libidinal socializada.

Por isso, a destruição da atenção é, ao mesmo tempo, a destruição do aparelho psíquico e a destruição do aparelho social (formado pela individuação coletiva), enquanto este constitui um sistema de cuidado – se é verdade que prestar atenção (*to pay attention*) é também cuidar (*to take care*). Um tal sistema de cuidado é também uma economia libidinal – em que se agenciam um aparelho psíquico e um aparelho social, e cuja destruição é, hoje, também provocada por aparelhos tecnológicos. Nós veremos que se trata de aparelhos psicotecnológicos e sociotecnológicos. Em outras palavras, nós estamos lidando com uma questão que diz respeito àquilo que chamo de organologia geral.

O problema primordial do attention deficit disorder, e de tudo isto que procede dos efeitos destruidores da exploração da

² “Attention deficit disorder” aparece em inglês, no texto original em francês. Em português, esta desordem é conhecida como “Distúrbio de Déficit de Atenção” (DDA). (N do T)

atenção pelo psicopoder, é então a fragilização do aparelho psíquico infantil e da sociabilidade fundada sobre a *philia*. Ora, esta liquidação precoce da economia libidinal é também a causa da destruição do capitalismo industrial de investimento: o órgão do psicopoder é o marketing enquanto braço armado de um capitalismo financeirizado, tornado essencialmente especulativo.

43. A gramatização da própria transindividuação e a passagem das psicotecnologias às sociotecnologias.

A enorme crise financeira que abalou o mundo, e os efeitos retardados, uns mais preocupantes do que outros, que resultaram dos “remédios” que foram fornecidos pelos Estados, é o resultado desastroso da hegemonia do curto prazo, da qual a destruição da atenção é, ao mesmo tempo, um efeito e uma causa. A perda da atenção é uma perda das capacidades de projeção a longo prazo (isto é, de investimento nos objetos de desejo) que afeta sistemicamente os aparelhos psíquicos tanto dos consumidores manipulados pelo psicopoder quanto dos próprios manipuladores: o especulador é tipicamente aquele que não presta nenhuma atenção aos objetos de sua especulação – e que não cuida deles.

O ato do especulador tem efeitos sobre as multidões de consciências que sofrem – direta ou indiretamente – os efeitos da especulação através de dispositivos psicotecnológicos de captação da sua atenção. Estas consciências se acham assim, elas mesmas, sempre mais presas na falta de atenção e de cuidado, isto é, no curto prazo – o que justifica, a posteriori, o ato do especulador: este ato é performativo, no sentido que Jean-François Lyotard desenvolve em *La condition postmoderne*. Assim se instala um sistema do curto prazo – em que se forma o círculo vicioso da destruição da atenção.

É neste contexto que causa furor uma colossal crise ambiental, a qual acaba de ser colocada no foco das preocupações

(Besorgen) e da atenção (Sorgen) mundiais pela Academia Nobel, e pela qual é descoberto e planetariamente reconhecido aquilo que, imediatamente, proporei analisar como o terceiro limite do capitalismo – após a baixa tendencial da taxa de lucros e a baixa tendencial da energia libidinal (que resulta diretamente da destruição da atenção).

Neste contexto de crise ambiental, que coloca subitamente como uma evidência a necessidade de recomeçar a raciocinar à longo prazo, isto é, de reelaborar uma política do investimento – precisamente no momento em que sobrevém uma enorme crise financeira, por meio da qual se revela a calamidade em que consiste a organização especulativa e curto-termista provocada pela financeirização que destrói a atenção -, realizam-se ou preparam-se novas operações de concentrações industriais espetaculares em que a empresa Google concentra todas as questões, provocando um salto incomensurável na industrialização da memória psíquica e coletiva.

Estas operações tem por objetivo assumir o controle das redes socionuméricas em que se desenvolvem novos tipos de captação e de formação da atenção psíquica tanto quanto coletiva, as “redes sociais”: *é uma nova era da reticulação* que se estabelece, constituindo um novo estado do processo de gramatização. Neste estado, *são os mecanismos da transindividuação que são gramatizados*, isto é, formalizados, reproduzíveis, então calculáveis e automatizáveis. Ora, a transindividuação é a maneira pela qual as individuações psíquicas se metaestabilizam comme individuação coletiva: a transindividuação é a operação da socialização plenamente efetiva do psíquico.

Com as “redes sociais”, a questão das tecnologias atencionais se torna manifesta e explicitamente a questão das tecnologias da transindividuação. A transindividuação é, agora, formalizada por tecnologias da individuação psíquica originalmente concebidas com o objetivo de conduzir a uma

individuação coletiva, por meio do que se confirma espetacularmente e organologicamente a análise de Simondon, segundo a qual a individuação psíquica é também e de imediato uma individuação coletiva. Trata-se de tecnologias de indexação, de anotação, de tags e de traços modalizados (M-traces), de tecnologias wiki e de tecnologias colaborativas em geral³.

Aqui, a leitura de Foucault é particularmente necessária e fecunda: Foucault também mostrou na sua leitura da correspondência de Sêneca com Lucillus que as técnicas de si, enquanto técnicas de individuação psíquica, são sempre técnicas de individuação coletiva. Por outro lado, Foucault não viu a questão do psicopoder, pelo qual o marketing, a partir do aparecimento das indústrias de programas, transforma as psicotécnicas de si e da individuação psíquica em psicotecnologias industriais da transindividuação, isto é, em psicotecnologias tramadas por redes, e como organização de uma reticulação industrial da transindividuação que causa um curto-circuito nas redes sociais tradicionais e institucionais.

Após ter destruído as redes sociais tradicionais, as psicotecnologias se tornam sociotecnologias. Com isso, elas tendem a se contituir como um novo meio e como uma nova condição reticular da transindividuação que gramatiza novas formas de relações sociais.

44. Retenções terciárias e transindividuação

Para analisar estes fatos, que constituem o contexto específico a partir do qual é necessário e possível pensar um futuro planetário, é preciso retornar à questão sobre o que é a atenção. A individuação psíquica e coletiva é essencialmente o que forma a atenção enquanto esta é, ao mesmo tempo e necessariamente, psíquica e social, e a atenção é o que resulta da relação que se estabelece entre retenções e protensões no sentido

³ *Pour finir avec la mécroissance*, op. cité.

que Husserl dá a estes termos (Husserl chama de consciência intencional o que eu chamo aqui de atenção⁴). Ora, esta relação de retenções e protensões, cujo resultado é a atenção, é sempre mediada por retenções terciárias – das quais as psicotecnologias e as sociotecnologias são instâncias.

É preciso falar de retenções terciárias para completar a análise pela qual Husserl distingue as retenções primárias e as retenções secundárias. A retenção primária é, por exemplo, a que se produz quando você me escuta falar e que, relacionando um verbo que eu emprego ao sujeito que o precedeu, e que você não ouve mais, mantém este sujeito no verbo, o que constitui o agora do meu discurso, mantendo também a sua atenção: você conjuga o sujeito ao verbo, e isto com o objetivo de projetar a ação que designa este verbo em direção ao seu complemento, projeção que é uma protensão, isto é, uma espera.

O que Husserl chama de retenção primária é esta operação que consiste em reter uma palavra em outra (operação que Husserl analisa estudando na melodia a maneira pela qual uma nota retém nela aquela que a precede, e projeta diante dela a espera por uma outra nota, o que Leonad Meyer descreve como uma *expectação*): é a operação que consiste em reter uma palavra que, porém, não está mais presente, o início da frase tendo sido pronunciado e, por isso, sendo passado, e todavia ainda presente no *sentido* que se elabora assim como discurso.

É preciso distinguir a *operação* que é a retenção primária da retenção secundária. Uma retenção secundária é uma lembrança: alguma coisa que pertence a um passado terminado (e é uma antiga retenção primária), enquanto que a retenção primária pertence ainda ao presente, a um presente que passa: ela é a própria passagem e, assim, a direção do presente – seu

⁴ A atenção entendida neste sentido é, por excelência, o ato intencional como passagem ao ato de intencionalidade na medida em que ela deve ser estruturalmente apreendida como a visada de uma consistência, isto é, de um inexistente, ou seja, de um núcleo eidético. É claro que não é totalmente neste sentido que a entende Husserl na *Phénoménologie de l'attention*, que Natalie Depraz traduziu e publicou nas edições Vrin em 2009 – obra que eu não tinha lido no momento em que escrevi o presente capítulo.

sentido neste sentido igualmente. Ora, a lembrança, como retenção secundária, é também o que permite selecionar possibilidades nas retenções primárias: a retenção primária é uma *seleção* primária, da qual as retenções secundárias (as lembranças, isto é a experiência individual) fornecem os critérios.

Imaginemos que nós estamos num colóquio e que eu pronuncio um discurso que está escrito. Foi isto o que ocorreu no mês de abril de 2008, na Universidade de Albany, no Estado de Nova Iorque, em que Tom Cohen me convidara por ocasião de uma simpósio organizado pelo *Institute on Critical Climate Change*, e eu comunicava ao meu público a seguinte tese:

Vocês me escutam, mas cada um de vocês entende algo de diferente no que eu digo, e isto se deve ao fato de que suas retenções secundárias são singulares: seus passados são singulares. Ao mesmo tempo, seu entendimento a respeito do que eu digo é a cada vez singular: o sentido que vocês atribuem ao meu discurso, ou pelo qual vocês se individualizam com o meu discurso, é a cada vez singular – e é dessa maneira que ocorre porque vocês selecionam singularmente as retenções primárias no discurso que eu comunico a vocês, e pelo qual eu tento reter e manter a sua atenção.

Todavia, se vocês todos pudessem, agora, repetir o discurso que acabaram de ouvir, porque, por exemplo, vocês o registraram numa pen-drive no formato MP3, vocês evidentemente operariam novas retenções primárias, e isto em função das retenções primárias precedentes, tornadas, neste meio tempo, retenções secundárias. Então, vocês questionariam o sentido deste discurso já constituído: vocês produziriam uma diferença de sentido a partir desta repetição, por meio do que este sentido se revelaria ser um processo mais que um estado, e, mais precisamente, *o processo de sua própria individualização* se agenciando com a individualização que este discurso testemunha, que é, por sinal, minha própria individualização. Vocês formariam,

assim, *circuitos retencionais*, que estariam na origem de novos circuitos de transindividuação.

De qualquer maneira, o que permite repetir um discurso, por exemplo sob a forma de uma gravação no formato MP3, é uma retenção terciária do mesmo tipo que o texto que eu estou lendo, e que me permite repetir a mim mesmo num discurso que eu concebi em outro lugar e anteriormente: é um *pharmakon* hipomnésico. Um tal *pharmakon* permite produzir *efeitos atencionais*, isto é, dos agenciamentos retencionais e protencionais, pela existência dos quais é totalmente justificado definir este *pharmakon* como dispositivo psicotécnico. Um tal dispositivo permite mais precisamente controlar os agenciamentos retencionais e protencionais, com o objetivo de produzir efeitos atencionais.

Tais efeitos são aqueles que Husserl analisa como a condição da origem da geometria – em que a escritura é o que permite formar tipos de retenções primárias e secundárias racionais -, e por meio dos quais se formam os circuitos longos de transindividuação, aqueles que Platão denuncia no *Fédro* ou no *Górgias* como o que permite provocar um curto-circuito no trabalho anamnésico do pensamento por intermédio das retenções terciárias e hipomnésicas.

As retenções terciárias são então formas mnemotécnicas de exteriorização da vida psíquica, constituindo traços organizados em dispositivos retencionais (dos quais constituem um caso os dispositivos descritos em *As palavras e as coisas*, *A Arqueologia do saber* ou *Vigiar e Punir*), e a atenção é o que é condicionado por dispositivos retencionais – que caracterizam os sistemas de cuidado, como sistemas terapêuticos cujos dispositivos retencionais são a base farmacológica.

Ora, os dispositivos retencionais se constituem, no presente, em uma nova *organização distribuída*, que consiste, na verdade, numa enorme ruptura com a organização anterior da

sociedade industrial⁵. Esta ruptura constitui um cruzamento de caminhos em relação a qual uma nova política industrial deve operar escolhas, tirando as consequências destas mutações, a partir das quais somente uma saída nova poderá se oferecer ao mundo hiperindustrial. E esta ruptura, que é uma chance ao mesmo tempo que um perigo (ela é induzida por um novo *pharmakon*), sobrevém no momento em que o capitalismo se confronta com três limites.

45. Os três limites do capitalismo e a questão do cuidado

No fim do século XIX e no fim do século XX, respectivamente, é que o capitalismo encontrou seus dois primeiros limites:

A Revolução industrial, como estabelecimento do sistema de produção capitalista, é a continuação do processo de gramatização pelo qual se formam as retenções terciárias – das quais derivam as psicotécnicas – por meio de aparelhos de controle de gestos que permitem, como máquinas-ferramentas, a liquidação da astúcia operária, e, com isso, a realização de imensos ganhos de produtividade, e o desenvolvimento de uma nova prosperidade que rencontra, todavia, além da da miséria que ela engendra como proletariado, o limite que Marx analisa como uma baixa tendencial da taxa de lucros⁶.

Para lutar contra este limite do desenvolvimento capitalista, *the american way of life* inventa a figura do consumidor, cuja libido é sistematicamente solicitada para contrabalançar a superprodução, que é a concretização social desta baixa tendencial da taxa de lucros. Esta canalização da libido, operada pela captação da atenção, conduz à liquidação do saber-viver dos consumidores, pelo desenvolvimento maciço das

⁵ Esta foi o objeto de uma obra de Alexander Galloway e Eugene Thacher, *The Exploit. A theory of networks*, University of Minnesota Press, 2007

⁶ Cf. *infra*, p. ...

sociedades de serviços que os descarregam de sua existência, isto é, de suas diversas responsabilidades de adultos. É o que termina por provocar uma liquidação do seu próprio desejo, assim como do desejo dos seus filhos, na exata medida em que estes não podem mais se identificar àqueles – ao mesmo tempo porque estes pais não sabem mais nada, e não são mais responsáveis por nada, tendo se tornado grandes crianças, e porque o processo de identificação primária entre em curto-circuito pelo psicopoder por meio de psicotecnologias.

Esta destruição do desejo (isto é, também da atenção e do cuidado), que instala uma economia pulsional, isto é, intrinsecamente destrutiva, é um novo limite que encontra o capitalismo, desta vez não somente como modo de produção, mas como modo de consumo se definindo como *way of life*, isto é *biopoder transformado em psicopoder*.

Impõe-se, agora, um *terceiro limite* ligado ao fato de que o desenvolvimento do modo de vida industrial, herdado dos séculos XIX e XX, tornou-se não somente tóxico no plano dos espíritos e da libido, mas também no plano geofísico e biológico.

Este terceiro limite não poderá ser ultrapassado senão com a condição de inventar um modo de vida constituindo uma nova forma de cuidar e de dar atenção ao mundo pela invenção de terapêuticas, de técnicas, tecnologias e aparelhos sócio-farmacológicos de formação da atenção, correspondendo às especificidades organológicas do nosso tempo: às especificidades tecnológicas da transindividuação, formando a infraestrutura de um sistema industrial funcionando ele mesmo de *maneira endógena* como um sistema de cuidados: *fazendo do cuidado sua “cadeia de valor”, isto é, sua economia* – e reencontrando assim o sentido original da palavra economia, pois *economizar é cuidar*.

46. Reinvestir

As sociedades ocidentais, sob o efeito da exportação de tecnologias derivadas do seu modelo de produção, engendraram concorrentes industriais (isto a respeito do que Paul Valéry já meditava sobre as conseqüências futuras) por um movimento de financeirização que não podia senão provocar uma guerra econômica mundial.

Nesta *nova forma de guerra*, trata-se de defender a sociedade não mais contra um “inimigo”, exterior ou interior, mas contra um *processo* que arruina o tempo, isto é, o horizonte à longo prazo, e a possibilidade de projetar este, e, ao mesmo tempo, as relações intergeracionais – que são a condição da atenção se dando objetos de desejo. Este processo se agiliza no momento em que se combinam os efeitos dos três limites do capitalismo.

A concorrência mundial agravada pela financeirização conduziu à destruição do equilíbrio complexo que permitia que o desenvolvimento do capitalismo fôsse também o desenvolvimento das democracias industriais pela organização keynesiana da redistribuição sob a autoridade de um Estado providencial, e é neste contexto da guerra econômica, resultado de tudo isto, que o Marketing se tornou, como escreve Gilles Deleuze, “o instrumento do controle social” nas sociedades de controle, e que a baixa da energia libidinal subitamente se acentuou.

É assim que, ao lado do consumo, o mundo da vida capitalista se tornou, no fim do século XX, um processo viciado, cada vez menos portador de satisfações duráveis – o que engendrou um grande mal-estar no consumo, o qual substituiu a cultura, isto é, o cuidado, se é verdade que a cultura procede de cultos de todos os gêneros, isto é, da vinculação a objetos cujo conjunto constitui um sistema de cuidados. É neste contexto que Janney Uechi podia escrever em *Abdusters* que

Segundo as enquetes realizadas recentemente pela socióloga Juliet Schor, 81 % dos americanos estimam que seu país está muito centrado no consumo, e cerca de 90% pensam que ele é muito materialista.

Nós todos sabemos que em nenhum caso o novo capitalismo mundial poderá se desenvolver reproduzindo os modelos de produção e de consumo que terão caracterizado aquelas democracias industriais ocidentais, japonesa e coreana. Pois a exportação deste modo de vida é também aquele de um crescimento das taxas de produção de toxinas do todos os gêneros para a maior parte da população planetária, e que apenas pode conduzir ao desaparecimento da espécie humana – além disso, os fenômenos de destruição dos aparelhos psíquicos aí produzem igualmente os seus efeitos tão rapidamente quanto se difunde o “crescimento” - que é, na realidade, e por isso mesmo, um “decrecimento” [*mécroissance*]. O novo capitalismo mundial não *renovará as suas energias* senão com a condição de inventar *uma nova lógica e novos objetos de investimento* - e é preciso aqui tomar esta palavra, investimento, no sentido mais amplo: no sentido da economia industrial e, ao mesmo tempo, no sentido da economia libidinal.

47. O que é uma “política energética”?

Neste momento da minha exposição, é interessante auscultar um texto de Jeremy Rifkin que circula neste momento na França e na Europa⁷. Rifkin, inscrevendo seu discurso sob o signo do “fim da era do petróleo”, coloca a questão de saber como assegurar uma “crescimento durável” - mas sem colocar o problema do decrecimento, isto é, de um “crescimento” que

⁷ Cf Jeremy Rifkin, *Engager la troisième révolution industrielle, un nouvel ordre du jour énergétique pour l'UE du XXIème siècle*, Fondation pour l'innovation politique, 2008.

destrói o desejo, e que desindividualiza os produtores tanto quanto os consumidores, arruinando o dinamismo do que Weber chamava de o espírito do capitalismo, este devendo ser compreendido como uma energia libidinal que não pode se constituir senão por processos de sublimação desde agora nadificados pelo marketing.

Sem evocar tais questões (que, todavia, estavam no horizonte de seu *Rêve européen* assim como de *L'âge de l'accès*), Rifkin sublinha, à propósito da era do petróleo e, mais amplamente, da energia fóssil, seus “custos externos” crescentes (o que se chama, em economia, de externalidades negativas): ele descreve assim o terceiro limite que encontra o capitalismo transformado num sistema tecnológico *efetivamente mundializado* de produção e de consumo. Neste contexto, diz ele, há um estoque residual de energias fósseis que será preciso explorar melhor, isto é, da maneira mais econômica possível, mantendo, ao mesmo tempo, outros processos de produção e de consumo de energia:

A fim de preparar o futuro, cada governo deverá explorar novas fontes energéticas e estabelecer novos modelos econômicos⁸.

Trata-se bem de mudar o modelo econômico. Mas o coração da questão não é a energia de subsistência: a verdadeira questão é aquela da energia da *existência* que é a *energia libidinal*.

Ora, somente colocando a questão de uma nova produção de energias de subsistência renováveis, fundadas sobre um armazenamento intermediário pela tecnologia do hidrogênio, Rifkin faz acreditar que a crise energética é passageira e que ela poderá ser superada, e, com ela, o terceiro limite do capitalismo, sem que se já colocada a questão da energia libidinal, sem que

⁸ *Ibid*, p. 5

seja levado em conta este segundo limite do capitalismo que é a verdade do terceiro: aquele em que a libido foi destruída, e em que as pulsões que ela continha, como a jarra de Pandorá guarda todos os males, governam a partir de agora os seres desprovidos de atenção, e incapazes de cuidar do seu mundo.

A energia libidinal é por essência renovável, salvo quando é decomposta em energia pulsional, que é destruidora dos seus objetos. A pulsão é uma energia, mas esta é *essencialmente* destrutiva, pois a pulsão é *o que consome seu objeto*, o que quer dizer que ela o consuma. Este consumo e esta consumação, que realizam os *consumadores*, é uma destruição. *Consummare*, do qual provém o verbo consumir, e que significa inicialmente realizar, levar ao seu termo, torna-se com o cristianismo um sinônimo de perder, *perdere*, e de destruir, *destruere*. É a partir de 1580 que o verbo francês *consommer* [consumir] significa *fazer desaparecer pelo uso* mercadorias e energia. Fala-se de consumidor a partir de 1745, e o consumo designa então o uso que se faz de uma coisa para satisfazer suas necessidades. Consumo se torna o termo central da economia no início do século XX. E é em 1972 que a palavra *consumerism* aparece nos Estados-Unidos.

48. Energia de substistência, energia de existência e o novo saber-viver.

Se o consumo é o que destrói o seu objeto, a libido é, ao contrário, o que *cuida* do seu objeto. E, por isso, a questão do terceiro limite do capitalismo não é aquela do abandono da energia fóssil, mas aquela do abandono de uma economia pulsional e da reconstituição de uma energia libinal, *isto é*, renovável – já que *esta energia aumanta na freqüentação dos seus objetos*. O terceiro limite do capitalismo não é somente aquele da destruição dos estoques de energia fóssil: é aquele da pulsão de destruição de todos os objetos em geral pelo consumo,

na medida em que eles se tornaram objetos de pulsão, e não mais de desejo e de atenção – a organização psicotécnológica do consumo provocando a destruição da atenção sob todas as suas formas, tanto no plano do psiquismo como no plano coletivo.

Porque parece ignorar totalmente o segundo limite do capitalismo e o sentido que nele se revela quando é atingido o terceiro, o discurso de Rifkin me parece perigoso: ele leva à acreditar que o crescimento pulsional poderá durar graças à tecnologia do hidrogênio. E, porém, este discurso é interessante e importante por ao menos três razões:

1. de um lado, ele fornece uma real alternativa para a questão da energia de subsistência com este sistema fundado sobre o hidrogênio, que permitiria recusar um limite a toda evidência dirimente.
2. por outro lado, ele afirma que as questões de energia nunca são separáveis de questões de redes de comunicação e de informação, isto é de sistemas hipomnésicos e de dispositivos retencionais de retenções terciárias;
3. enfim e sobretudo, ele afirma que a rede fundada sobre o hidrogênio deve se basear sobre o modelo das redes sociais possibilitadas pelo *world wide web*, e, com isso, *deve ultrapassar a oposição entre produção e consumo*.

A organização fundada sobre o consumo, e constituída por sua oposição à produção, não é perigosa somente porque ela produz excessos de CO₂, mas porque ele destrói os espíritos. A oposição da produção e do consumo tem por conseqüência que os produtores tanto quanto os consumidores sejam proletarizados pela perda do seu saber: eles são reduzidos a uma economia de subsistência, e privados totalmente da economia da sua existência – eles são privados de economia libidinal, isto é, de

desejo. Por essa razão, a questão fundamental aberta pela combinação de três limites do capitalismo é o ultrapassamento desta oposição e da proletarização que ela engendra estruturalmente.

Ora, na proposição de Rifkin, o que é extremamente interessante é que ela coloca, a partir da constatação feita desde as primeiras linhas que os sistemas energéticos e os sistemas informacionais ou mnemotécnicos se co-desenvolvem, que o sistema de comunicação mais recente, a Internet, rompe precisamente com a oposição do consumo e da produção, constituindo assim a possibilidade de estabelecer uma nova rede de energias renováveis distribuída e centralizada, em que cada um seria tanto o produtor quanto o consumidor – combinando a tecnologia do armazenamento pelo hidrogênio com aquela da constituição de redes segundo o modelo derivado da internet.

Este modelo contributivo aplicado ao setor energético é aquele que se chama de *smarts grids*, isto é, as “redes inteligentes”. Existem diversos modelos de tais redes energéticas, que não repousam sobre a exploração do hidrogênio como vetor do armazenamento, mas que se caracterizam todas por uma organização não centralizada da produção, que é, ao contrário, distribuída por toda a rede.

Face ao desafio sem precedentes que encontra a humanidade planetarizada – um desafio com dimensões quase sublimes, que exige uma extraordinária mobilização das forças do espírito para resistir a ele: um desafio convocando o que Kant chamava de suprasensível, isto é, também o infinito (o infinitamente renovável) -, a tentação do mundo industrial e capitalista é de fornecer uma resposta tecnológica e científica, negando o que está em jogo nos três limites do capitalismo. Esta tentação, fundada sobre uma negação, não compreende:

1. que estes três limites, combinando-se, produzem uma evolução sistêmica de nível superior, isto é, um fenômeno de emergência;
2. que é necessário mudar o modelo industrial não simplesmente para desenvolver uma nova racionalidade técnica e científica, mas para constituir uma nova racionalidade social, produtora de motivação, de motivos para viver juntos, isto é, de cuidado com o mundo e com aqueles que nele vivem: produtora de um novo saber-viver.
3. que a questão fundamental aqui é a de reorientar os fluxos financeiros em direção a investimentos à longo prazo, fazendo a guerra contra a especulação – mas também contra os modos de vida fundados sobre o curto prazo, dos quais o mais ordinário é a organização da sociedade pelo marketing, explorando sistematicamente as pulsões, destruindo a libido como *capacidade de investimento durável*.

O consumo tornado pulsional é profundamente perigoso para a sociedade. Se não houvesse limites para este consumo, e se a energia fóssil fosse inesgotável, a catástrofe seria talvez ainda maior do que aquela que poderia resultar do esgotamento de energias fósseis. *Talvez este esgotamento é finalmente uma espécie de chance*: a chance de compreender que a verdadeira questão da energia não está aí, que a energia da subsistência apenas tem interesse se ele é posta a serviço da energia da existência – e tal que ela se constitui por sua capacidade de *projetar* o plano do que eu chamo de consistências. Ora, tal é também a verdadeira aposta do que se chama, em nossos dias, - com uma expressão muito questionável – inovação ascendente.

49. Tecnologias políticas e transindividuação de diferenças

Há uma dezena de anos, a sociedade no seu conjunto (nos países industrializados e nos países em vias de industrialização), em razão de uma espetacular baixa de custos no domínio das tecnologias eletrônicas de fabricação de materiais tanto quanto de transação e de duplicações de dados, adquire novas competências práticas, mas também analíticas e reflexivas, pela difusão de aparelhos numéricos dando acesso a funcionalidades que permaneciam ainda reservadas, recentemente, aos atores profissionais – estas funcionalidades sendo até então organizadas pela divisão industrial do trabalho (e por tudo o que a acompanhava, como por exemplo o direito de propriedade intelectual).

Esta socialização da inovação engaja cada vez mais frequentemente formas sociais de aprendizagem que parecem se auto-organizar e escapar dos processos habituais de socialização da inovação dita “descendente” (guiada pelo complexo pesquisa/desenvolvimento/marketing): ela constitui o que se chamou de inovação “ascendente”. A inovação ascendente é o que rompe estruturalmente com a organização das relações sociais no seio do mundo industrial segundo o par opositivo produção/consumo.

Nós tentamos mostrar, em *Pour enfin avec la mécroissance. Quelques réflexions d'Ars Industrialis*, que a oposição dos processos de transindividuação “*bottom up*” e de processos de individuação “*top down*” é uma ilusão, isto é, um estado de fato não durável – mas um estado *de fato* todavia, que exploram na realidade o marketing e as indústrias culturais, de que se apropriam as mídias colaborativas por meio do *buzz* e de outras técnicas de controle e de fabricação do que Bernays chamava, em outra época, de “relações públicas”, e instalam assim situações pseudo-contributivas.

Nós igualmente comparamos as práticas individuais e os movimentos sociais inéditos que emergem sobre as redes

numéricas às tentativas de cuidar de si e dos outros, e a estas técnicas de si, da qual procedem também o *épimeleai*, a *skholè* e o *otium* dos Antigos, e que são também técnicas de governamentalidade.

Ao invés de opor o *bottom up* e o *top down*, trata-se de constituir sistemas de produção de metadados⁹ que os agenciem e constituam assim tecnologias políticas permitindo fazer emergir processos de individuação psíquica e coletiva de um novo gênero, fundados sobre a representação das diferenças de perspectivas, polêmicas e controvérsias tanto quanto das convergências de interesse ou de pontos de vista permitindo reagrupamentos, isto é, no fim das contas, transindividuações se reconhecendo em significações, constituindo assim individuações coletivas, e instalando, no coração da vida pública numerizada, a crítica argumentada e analisável contra o rumor de baixo nível num mundo numérico suavizado e falsamente consensual na falta de instrumentos de valorização de singularidades coletivas.

As tecnologias numéricas formam *um novo meio tecnológico, reticular, relacional*, acentuando o que Simondon chamava de um “meio técnico-geográfico associado”, reconfigurando o que também ele chamava de processos de individuação psíquica e coletiva, e transformando em tecnologias do espírito o que funcionava até então essencialmente como tecnologias de controle.

Neste meio tecnológico, os aparelhos eletrônicos se ligam através de redes formadas graças ao protocolo de internet. O sistema dinâmico que resulta daí, em constante evolução, fundado sobre uma economia relacional de equipamentos miniaturizados e personalizados e de serviços relacionais – o que, por isso, e em particular Jeremy Rifkin, se chamou de tecnologias relacionais (ou “tecnologias R”) -, estabelece novas dinâmicas sociais, totalmente inéditas a respeito do que

⁹ *Pour en finir avec la décroissance*, op. cité, chapitre trois. É esta abordagem que comanda as atividades do instituto de pesquisa e de inovação.

caracterisava até então a sociedade industrial, e que são estimuladas, ao mesmo tempo, 1) por um estado psicossocial da população que não se satisfazia mais com o modelo organizacional consumista, e que acumula então um potencial dinâmico sob a forma de expectativas, e 2) pela combinação de efeitos da “lei” de Moore e das especificidades das redes ligadas pelo protocolo de internet.

Contudo, numerosíssimas e muito eficazes contra-forças se opõem a estas dinâmicas sociais, desviando-as, retornando-as contra elas próprias, fazendo surgir aí modelos que se pode dizer hiperconsumistas e hiperconsensuais, em que os consumidores se auto-prescrevem sua situação, assim como o mostra uma obra de Marie-Anne Dujarier¹⁰.

50. Takin care – a new libidinal economy for a new way of life

As características próprias do novo meio tecnológico que se forma com o protocolo tecnológico de reticulação, que tem consequências estruturais em matéria de reticulação social, pertencem ao seu caráter bidirecional e, ao mesmo tempo, produtor e coletor de uma metalinguagem de um novo gênero, pelo qual são formalizados, recolhidos e organizados os metadados: é a combinação destas características que permite a constituição do que se chama de “redes sociais”. Estas são, em larga medida, instrumentos de destruição das relações sociais pré-numéricas.

Mas isso se dá apenas em razão de um verdadeiro descuido dos poderes públicos europeus, nacionais e locais. Estas tecnologias reticulares são, com efeito, igualmente territoriais, e permitem conceber políticas locais de valorização de suas capacidades relacionais – e das *capacitações* que estas tornam possíveis, e nós compreendemos esta palavra como Amartya Sen.

¹⁰ Marie-Anne Dujarier, *Le travail du consommateur...*

A formação de novos processos de individuação psíquica e coletiva é o desenvolvimento de capacidades individuais e coletivas, e sabe-se hoje o quanto um renascimento da vida econômica e política é condicionado pela reconstituição de tais capacidades – isto é, pela criação de uma verdadeira desproletarização que deve ser colocada na ordem do dia das lutas políticas nacionais, e por uma “política do *care*” que não reduz o cuidado à uma questão de “ética”, colocando-o, ao contrário, no cerne de uma nova era da economia política.

A nova metalinguagem que formam os metadados constitui uma nova época dos processos de gramatização que trans-forma mundialmente as condições da transindividuação. Um processo psíquico se traduz numa individuação coletiva em que a individuação psíquica se marca, increve-se em alguma medida no real, sendo reconhecida por outros indivíduos psíquicos: este trabalho da individuação coletiva pela individuação psíquica, e, inversamente, esta inscrição da individuação coletiva na individuação psíquica, é o processo da transindividuação. Ora, é muito precisamente este *circuito* formado pelos *processos* de individuação que se pode observar nas “redes sociais” - tão pobres quanto estas possam parecer em primeira análise, e apenas alguns anos após a sua aparição.

Por isso, é necessário descrever as dinâmicas induzidas pelo protocolo tecnológico de reticulação IP como os efeitos de um processo de individuação psíquica, coletiva e técnica, de um tipo totalmente novo. A teoria simondoneana da individuação psicossocial é uma teoria das *relações* nas quais se produz esta individuação *via* processo de transindividuação como formação de circuitos que incarnam e ativam estas relações, e por onde se metaestabilizam processos de co-individuação.

Por mais pobres que possam parecer a maior parte do tempo, as redes sócio-numéricas agregam agora a uma velocidade relâmpago centenas de milhões de indivíduos psíquicos em processos de individuação coletiva face aos quais a

iniciativa política é um imperativo primordial – isto é, passando em primeiro, e sobredeterminando todos os outros. Cuidar do coletivo, o que é a única definição válida de uma verdadeira ação política, passa evidentemente por aí – e é, em particular, cuidar das jovens gerações, em que se inventam mais também em que podem se colapsar as formas futuras do coletivo.

Eu sustentei com *Ars Industrialis*, em trabalhos anteriores, que a grande alternativa tecnico-industrial contemporânea é a reconstituição de meios associados, e a luta conta a dissociação dos meios sociais que induz a proletarização generalizada. Os meios associados são meios relacionais (e dialógicos¹¹) fortes, enquanto que a dissociação consiste em provocar um curto-circuito nas relações que permitem estabelecer circuitos de transindividuação. Tais relações são a condição da formação da confiança e da fidelidade, sem as quais nenhuma sociedade nem nenhum sistema econômico podem durar.

É este contexto que deveria conduzir a União Européia à elaboração de um novo modelo industrial, repousando sobre uma política industrial de tecnologias do espírito – isto é, da sublimação – como a única economia libidinal durável, e em vista de produzir a *energia* libidinal. É apenas observando essa condição que a proposição de Rikfin pode fornecer uma base de subsistência (e de biopolítica concebida no âmbito da biosfera) a uma nova política da existência: a uma *noopolítica*, que inverte a lógica mortífera do psicopoder. A verdadeira questão para a Europa compo para o resto do mundo consiste em inventar – no seu diálogo com a América e com os novos grandes países industriais -a *new way of life*, em que *economizar* (*economising*) significa *cuidar* (*taking care*).

¹¹ No sentido de Platão e de Bakhtin